

**“FUI EU QUEM FEZ”! TRABALHADORES, MOBILIZAÇÃO, ABERTURA
POLÍTICO-PARTIDÁRIA, CLIENTELISMO E REDES SOCIAIS NO PROCESSO
DE EMANCIPAÇÃO DE VOLTA REDONDA (1945 -1956)**

LEONARDO ÂNGELO DA SILVA*

A proposta desse trabalho é analisar o processo de emancipação da cidade de Volta Redonda (1954) à luz da formação da classe trabalhadora, dos novos grupos sociais que se articulavam em decorrência da implantação e funcionamento da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), assim como da abertura política e formação partidária do pós-1945, ou seja, uma história social da política.

Utiliza-se material da dissertação de mestrado (SILVA, 2010) e ensaia-se novos olhares sobre o processo emancipatório, sobre as redes espaciais criadas pelos atores em ação (classe trabalhadora, partidos, sindicatos, etc). Além disso, acredita-se que um olhar mais cuidadoso sobre os grupos associativos personificados na classe média e seus partidos bem como a elite política que surgia, pode nos dar bons indícios, quando por comparação, de tendências e práticas políticas tanto nos processos emancipatórios quanto em outras instâncias. Assim, há um pequeno ensaio tipificatório, ainda incompleto, de processos emancipatórios ocorridos em períodos próximos ao de nosso estudo objetivando-se um capítulo da tese de doutoramento.

Para que o leitor tenha ciência de nosso objeto de reflexões, coloca-se que o recorte espacial escolhido é o oitavo distrito da cidade de Barra Mansa (Volta Redonda) e que o recorte cronológico se circunscreve às décadas de 1940 a 1960.

A relevância de Volta Redonda se dá pela sua expressão perante o Nacional Desenvolvimentismo do período, a usina era a ação governamental de implementação de uma indústria de base para a expansão industrial brasileira. Questão essa pautada no contexto da Segunda Guerra e que atingirá o local através das demandas urbanas abertas pela implantação da CSN (Companhia Siderúrgica Nacional), que estavam inseridas dentro de uma lógica modernizante via industrialização (com forte migração) permeada por hipertrofiado discurso nacionalista de fortalecimento do Estado (expansão e controle dos trabalhadores) e da abertura política institucional que terá na classe trabalhadora a fiadora do sistema, mas que jogará com interesses diversos. Interesses entrepostos por partidos e outras frações de classe que, no caso estudado, culminará em processo de emancipação do distrito (Volta Redonda).

* Doutorando em História Social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Conta com o apoio de bolsa de estudos CAPES durante a realização do curso.

Pensando de maneira mais integrada, o caso Volta Redonda consegue ser a aglutinação de fatores internacionais, nacionais e locais que nos dão base para uma análise da imbricação entre os espaços fabril e urbano na concepção política dos grupos e classes sociais que se apresentavam.

POLÍTICA PARTIDÁRIA, ESTRATÉGIAS, ELEIÇÕES E VOTO

A frase título deste artigo é do Sr. Álvaro Guedes (primeiro secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, empossado em 1946 e com o sindicato sob intervenção) que atuando junto a Vigilato Peixoto, militante partidário, que até então se encontrava na União Democrática Nacional (UDN) e que posteriormente migrou para o Partido Trabalhista Nacional (PTN), objetivavam conseguir aparelhos para o hospital do oitavo distrito de Barra Mansa (Volta Redonda). Tentavam uma reunião com o governador de São Paulo, Ademar de Barros, que segundo eles é quem indicava o ministro da saúde, na época o Dr. Mário Pinotti. Para a felicidade dos dois haviam levado um cartão do então presidente do Partido Social Progressista (PSP) de Volta Redonda, o Sr. Murilo Cesar, o que abriu as portas para uma conversa repleta de cordialidade com o ministro da Saúde e para o atendimento das demandas solicitadas².

A situação acima evidencia uma ação que utilizou-se tanto de uma visão populista, como de redes de clientela. Evidencia-se que o acesso e a concretização de atendimento de demandas (via empresa ou política institucional) não se viabilizavam a todos os jogadores do período, os laços pessoais, as legendas e coligações partidárias, as hierarquias de poder e os contatos de amigos e conhecidos (que perpassavam todas as outras questões) credenciavam determinados sujeitos a voos mais altos dentro da lógica do poder político local, estadual e federal. A ação dos trabalhadores e a mediação destes perante o projeto nacional desenvolvimentista (presentes na implantação da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN) pontuaram as estratégias dos envolvidos, assim, para entender-se o porquê de um primeiro secretário sindical atuar junto a um filiado partidário em prol de demandas urbanas, pensa-se que somente uma análise pautada na combinação de redes espaciais (SAVAGE, 2011), atuação interclassista, entendimento da formação de classe destes trabalhadores e seus hábitos poderão nos levar a uma análise mais tangível.

Em Volta Redonda, o primeiro partido a fazer trincheira ao lado dos trabalhadores foi o Partido Comunista Brasileiro (PCB) que tinha estratégia bem definida através dos Comitês

² Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ). Coleção CSN (Regina Morel): Álvaro Guedes diz como viu Volta Redonda em sua formação. *Gazeta do aço*, 05 a 11 de junho de 1981, p. 2.

Democráticos Populares (CDP)³, ou seja, discurso de classe associado às demandas urbanas. Isso quando ainda não existiam partidos oficiais legalizados.

A estratégia vitoriosa do PCB era associar aumento de salários, ressignificação das leis em direitos e melhoria da qualidade de vida através da veiculação de suas bandeiras com a identidade da classe trabalhadora, extrapolando os muros da fábrica e acionando a característica trinitária (trabalhado-morador-eleitor) do trabalhador local. O PCB soube utilizar-se muito bem da ressignificação das leis, da consciência legal, do que poderia ser paternalismo em direitos. Assim, a lógica de concessão dos direitos como dádivas foi gradativamente reapropriada pelos trabalhadores.

A força do partido e de sua rede foi demonstrada em 1945, quando da eleição de Alcides Sabença, um carpinteiro eleito Deputado Constituinte por Barra Mansa com votos majoritariamente da população voltaredundense⁴. No ano de 1945, Sabença estava entre os militantes comunistas que participaram da fundação do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda (SOUZA, 1989, 37,38) e sua luta dentro do sindicato em associação com a legitimidade do PCB na região é que o qualificou para ser um dos dois únicos deputados eleitos, pelo PCB do Estado do Rio de Janeiro, para a constituinte de 1946 com uma excelente votação de 6.403 votos (CARDIANO, 1990, 13). A pesquisa sobre este personagem emblemático está em andamento⁵, consideramos interessante o fato dele não ter terminado seu mandato, o próprio PCB o substituiu e acreditamos que para além da ilegalidade do partido isso possa ter impactado os trabalhadores de Volta Redonda e, conseqüentemente, a força do PCB que após a ilegalidade continua a atuar no sindicato mas na disputa partidária através de outras legendas, sem o sucesso eleitoral anterior.

Se consideramos a ação e representação do PCB como forte identidade de classe não a consideramos apenas pelas bandeiras do partido, mas sim pela ação dos trabalhadores que realmente se reconheciam na legenda e nas pessoas que a representavam, que se mobilizavam pela coletividade, mas não podemos desconsiderar que o paternalismo e cooptação também faziam parte deste cenário e, em nossa análise ainda em muito especulativa, consideramos que com a destituição de Alcides Sabença de seu cargo e a ilegalidade do PCB foi dada margem

³ Arquivo Público do Rio de Janeiro. Fundo PDS. Notação: 155. Dossiê: 155. Tipo: Panfletos. DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA, 03.11.45.

⁴ Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ). Coleção CSN (Regina Morel): Silvestre relata criação do Sindicato em Volta Redonda. *Gazeta do Aço*, 12 a 18 de junho de 1981, p.1.

⁵ Muitas fontes foram encontradas na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional e no Brasil Nunca Mais digital, inclusive documento que coloca Alcides Sabença em palanque de Tenório Cavalcante na cidade de Barra do Piraf, em 1962 (BNM 116. Fl6v. Disponível em <http://bnmdigital.mpf.mp.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=BIB_02&pesq=ten%C3%B3rio+saben%C3%A7a>. Acessado em 10/06/2015), o que nos leva a refletir ainda mais sobre pragmatismo político, redes espaciais e como a classe trabalhadora percebia e interagia essas conexões e alianças.

para que uma identidade combativa fosse arrefecida e desse espaço a um pragmatismo eleitoral, que contemplava a solução de problemas dentro de uma visão, já oferecida pela fábrica, de caráter mais paternalista perante a coletividade e que usava do clientelismo como forma de operação para atendimento de demandas individuais e controle coletivo. A insegurança estrutural da classe trabalhadora a fazia validar, formatar e jogar com as cartas que estavam sobre a mesa.

Pensar como determinadas práticas fabris, presentes na implantação e primeiros anos de produção na CSN, foram mediadas, assimiladas e ou ressignificadas pela classe trabalhadora local e por outras classes durante este período, de maneira que acentuadamente condicionaram ou se transformaram em costumes na sociedade que emergia é vital para entender como essa classe trabalhadora entendia e atuava no cenário da política institucional e como outras classes, mais organizadas na política institucional, conseguiam com o aparato político atingir seus objetivos.

Vale aqui um pequeno estudo, ainda ensaístico, de outros processos emancipatórios com o caso de Volta Redonda.

OS MOVIMENTOS DE EMANCIPAÇÃO: VOLTA REDONDA E OUTRAS ÁREAS INDUSTRIAIS.

Durante a pesquisa realizada sobre Volta Redonda tivemos acesso a outros materiais que também descreviam processo de emancipação de antigos distritos, tenham eles alcançado seus objetivos ou não. Acreditamos que a realização de comparação entre esses casos possa ser uma contribuição interessante. Os processos de emancipação com os quais pretendemos articular nossa comparação são os ocorridos em Contagem, Ipatinga, Osasco e São Miguel Paulista. Os locais citados não são considerados modelos tipológicos fechados.

Contagem e Osasco foram tema de artigo de Weffort (1972) que objetivava analisar as greves ocorridas nessas cidades em 1968. O autor deixa evidente que seu artigo foi escrito com a utilização de dados parciais e muitas vezes incompletos. Porém, durante a construção do histórico das cidades, o autor deixa informações interessantes sobre como se deram suas emancipações (Osasco em 1962, Contagem em 1963). Como as duas cidades eram distritos de grandes capitais, respectivamente São Paulo e Belo Horizonte, e possuíam localização geográfica que ajudou no processo de diversificação social de sua composição em relação a Volta Redonda.

A cidade de Ipatinga (CHRYSOSTONOS, 2008, 109-134), emancipada em 1962, nos chamou a atenção pela sua similaridade com Volta Redonda, que contemplou a criação de uma grande

indústria como a USIMINAS (Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais) e a implementação de uma comunidade industrial. Já o de São Miguel Paulista (FONTES, 2008), por seu insucesso na emancipação, embora comungue da mesma condição das cidades analisadas por Weffort: um distrito de uma grande capital (São Paulo). Além disso, São Miguel possui sua primeira tentativa de emancipação em 1953, mesmo ano do sucesso na emancipação voltareadondense. Tanto em Volta Redonda e São Miguel quanto em Ipatinga, as empresas contaram com forte chegada de migrantes. Cria-se uma cultura de identificação entre os trabalhadores, cultura esta que não passa despercebida pelas empresas que criam e aplicam a noção de família empresarial, como a família siderúrgica em Volta Redonda, família nitrina em São Miguel e conceito bem similar em Ipatinga: o “Homem Usiminas”, criatura e criador da “Cultura-Usiminas” (CHRYSOSTONOS, 2008, 131).

A similaridade entre os casos se dá principalmente pelo fato dos organizadores dos movimentos pró-emancipação enxergarem a falta de implementações urbanas como sinônimo de abandono do poder político local: “sem rede de água, esgoto e energia elétrica, além de grande precariedade de transporte urbano” (CHRYSOSTONOS, 2008, 132). Contudo, enquanto para o caso de Volta Redonda consideramos difícil a detecção da participação popular na organização política do movimento emancipacionista, a pesquisa de Paulo Fontes consegue evidenciar essa relação direta entre a organização da emancipação e o movimento pela mesma (FONTES, 2008, 284-296).

Não conseguimos dimensionar, pelo material a que tivemos acesso, como a participação popular se processou em Ipatinga, mas havia “um espaço de poder, espaço este que foi sendo construído por grupos que passaram a ter interesses particulares na área” (CHRYSOSTONOS, 2008, 118). Acabamos concebendo a possibilidade da emancipação em Ipatinga ter similaridade com a de Volta Redonda quando analisamos que os grupos de maior organização político-partidária aparentam ser os mesmo que terão maior sucesso político na gestão municipal, porém a questão de como a empresa sediada na cidade se comportou diante do processo é ponto em aberto.

A postura das indústrias de Volta Redonda e São Miguel se demonstraram diferentes. A maior empresa do distrito de São Miguel era a Nitro Química, uma empresa privada, que se posicionou contra o movimento pela emancipação e “parece ter desempenhado papel fundamental para a derrota dos autonomistas no plebiscito” (FONTES, 2008, 288). Sua oposição não se limitou a uma declaração. Fez ameaças e promessas aos trabalhadores, além de tentar controlar e aplicar estratégias de sabotagem da eleição. Muitos locais de votação ficaram dentro das dependências da empresa o que facilitava a ação de cooptadores da mesma; a empresa chega a alugar vários

táxis do bairro, o que tirava parte do transporte dos participantes do plebiscito (FONTES, 2008, 289). Como o bairro se estruturou ao redor dessa empresa o peso de sua decisão e estratégias não poderia ser desprezível. A postura da empresa, juntamente ao confuso cenário político que se desenha (eleições municipais, estaduais e interesses econômicos) são fatores que corroboraram para o insucesso da emancipação de São Miguel Paulista.

Em Volta Redonda, a CSN se posiciona ao lado do movimento emancipacionista. Consideramos, como também o fez Morel (1989, 258), que parte da estratégia da usina na contenção de custos passava pela diminuição de sua política de socialização de benefícios, a ela destinada no papel de empresa estatal. A empresa queria se desvincular de suas responsabilidades com os equipamentos urbanos e tinha motivos econômicos para isso.

Desde o início da década de 1950, a empresa vinha perdendo sua isenção tributária e seus incentivos fiscais locais: em 1951, perde isenção tributária federal; em 1952 e 1953, perde isenções estaduais no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Santa Catarina. “Os tributos municipais por sua vez, sempre estiveram sob negociação tanto com a Prefeitura Municipal de Barra Mansa, até 1954, quanto com a de Volta Redonda, depois da emancipação do município” (LOPES, 2004, 101).

Morel ainda descreve processo de racionalização da produção que visava diminuir o impacto da perda de isenções pela usina (MOREL, 1989, 149-232). Lopes acrescenta que as “novas casas”, chamadas de balancinhos (pequenos prédios geminados) pela população, construídas durante a execução do plano de expansão B, iniciado em 1953, dentro da lógica de racionalização, diminuição e aproveitamento do espaço urbano, demonstravam “o esgotamento progressivo do modelo paternalista de gestão urbanística patronal”.

Ao nos depararmos com a postura das indústrias em ambos os casos, somos levados a acreditar que a decisão das mesmas em relação ao movimento de emancipação foi fundamental para o resultado obtido.

Em Contagem encontramos similaridade no processo emancipador com o de Volta Redonda pois, como vimos, um dos motivos de apoio da CSN à emancipação de Volta Redonda se pautou na redução do preço de seus custos e esse parece ser o mesmo raciocínio dos industriais de Contagem que objetivavam a emancipação. Eles queriam que a “Cidade Industrial’ - cidade planejada pelo governo estadual e dotada de recursos urbanos” (WEFFORT, 1972, 19), fosse incorporada à nova cidade emancipada.

A participação dos industriais de Contagem no movimento emancipacionista evidencia a complexidade da composição social desses movimentos. Weffort já havia constatado que a importância do sindicato em meio a vida social local dificilmente poderia ser encontrada em

uma sociedade de composição social diversa (WEFFORT, 1972, 8). Não encontramos dados no material de pesquisa que refutem tal raciocínio. Aliás, compreendemos que ele pode ser aplicado nos casos de Volta Redonda e São Miguel, pois os sindicatos realmente se envolveram no movimento emancipacionista e credenciamos a eles a possibilidade, mesmo em momentos e distritos diferentes, de grande atividade mobilizatória.

Tanto no caso de São Miguel quanto no de Volta Redonda fica evidente a participação do sindicato e, conseqüentemente, a possibilidade da participação dos trabalhadores (filiados a ele ou não). Mas o ponto mais curioso da composição social desses movimentos é a constante mobilização da classe média⁶ que, no caso de Volta Redonda, se apoiou no aparato de rico empresário. De acordo com nossa análise, esses setores conseguiram uma organização político-partidária mais efetiva para as estruturas do poder oficial que os trabalhadores. Atuando dentro do jogo político-eleitoral, em um contexto de abertura democrática, de competição pelo voto e sensibilidade em relação aos movimentos populares organizados.

No caso de Osasco e Contagem a campanha pela autonomia municipal sempre esteve sob a liderança das classes médias locais, o que muda de uma cidade para a outra são os elementos que compunham essas classes. Osasco com uma classe média feita de comerciantes e profissionais liberais e Contagem com uma composição pautada nos industriais locais. Se repararmos a composição social do grupo mais organizados de Volta Redonda, muitos deles irmanados na maçonaria, veremos que existiam operários, mas não podemos menosprezar o peso que a classe média tinha dentro do movimento.

Pautando-nos no caso da emancipação de Volta Redonda concordamos com Paulo Fontes ao dizer que: “o sucesso dos processos de autonomia exigia uma grande e permanente mobilização popular, demandando uma forte assessoria jurídica e pressão política” (FONTES, 2008, 285). No entanto, acreditamos na possibilidade de que os grupos que possuíam a assessoria jurídica e realizaram a maior pressão política institucional conseguiram articular sua ação, muitas vezes, devido a seus contatos e amizades pessoais, o que os credenciou ao controle da futura cidade.

BREVE DIÁLOGO COM A CIÊNCIA POLÍTICA

Como dito antes, a abertura política e a forte concorrência eleitoral fizeram da vida fabril e urbana um novo laboratório de práticas sociais em que a classe trabalhadora adquiria novo predicado, eleitora, ao mesmo tempo que o contexto também era preenchido por forte expansão

⁶ A pesquisa ainda carece de arcabouço teórico para a discussão sobre classe média pois esta preocupação é recente nesta pesquisa, contudo, de maneira ainda preliminar utilizamo-nos de um olhar que coloca esta classe média fora da insegurança estrutural (SAVAGE, 2004, 26-33), com maior rede na política institucional e mais pragmática na questão política.

estatal. Assim, diante da empreitada de trabalharmos com conceitos que também são utilizados por outras ciências, nos vimos tentados a adotar a perspectiva da Ciência Política pautada em dois autores, Luiz Henrique Nunes Bahia e Wanderley Guilherme dos Santos. Verificamos que ambos, ao analisarem o clientelismo, possuem um olhar que o veicula à expansão estatal e até mesmo ao populismo, no mais, suas assertivas vão ao encontro de nossas constatações.

Bahia faz uma análise dos jogos de trocas ao longo da história e adentra o quadro de formação estatal e trocas políticas, estas seriam caracterizadas por suas relações assimétricas e com benefício maior a um dos doadores:

*“(...) diferentemente do que afirmam os autores, as políticas clientelistas não tendem somente a ser distributivas, mas sim distributivas, regulatórias e autorregulatórias. Só nos discursos é que elas parecem ser redistributivas; **na ação política concreta o clientelismo de massa, do tipo populista ou corporativo**, é inorgânico e continua favorecendo interesses particularistas através de políticas distributivas, regulatórias e autorregulatórias”⁷ (BAHIA, 2003, 178).*

Nota-se que há uma visão que integra populismo e práticas clientelistas, a mesma que encontramos em Santos ao tratar de período de fortalecimento estatal e de franca concorrência eleitoral:

“Era, sem dúvida, grande a tentação de utilizar recursos de um Estado que se expandia – empregos, verbas especiais, investimentos privilegiados etc. – como estratégia de melhor posicionamento na competição. Trocar benesses públicas por votos privados constitui a essencial definição de políticas clientelistas e, por certo, a história brasileira oferece múltiplos exemplos de sua vitalidade” (SANTOS, 2006, 58-59).

Assim, diante do indefinido limite entre público e privado que acompanha a implantação da CSN no distrito de Barra Mansa (Volta Redonda) consideramos que a política clientelista não era algo novo no cenário local, pela pesquisa que realizamos para a dissertação de mestrado verificamos que muitas situações remetiam a essas práticas dentro dos muros da usina⁸. Apesar de manter-se uma fachada de racionalidade institucional, os laços e vínculos pessoais e familiares eram muito fortes (LASK, 1991, 98). Ou seja, conseguir benefícios, hipoteticamente

⁷ Grifo nosso.

⁸ Tal como a procura dos trabalhadores por engenheiros da CSN pois estes poderiam dar um jeitinho na lista para acesso mais rápido e facilitado às casas da usina (SILVA, 2010, 41); a doação de material de construção pela CSN aos trabalhadores, para a construção de barracos, pois muitos não conseguiam casas mas eram necessários ao funcionamento da usina (SILVA, 2010, 37) entre outros casos.

coletivos, através de redes pessoais, amizades com superiores na hierarquia da empresa, etc, eram ações plausíveis. O que nos leva a pensar em um paternalismo de fábrica que se combina ao novo cenário democrático de expansão das funções do Estado capitalista e suas políticas distributivas e, finalmente, num clientelismo político.

A FÁBRICA E A POLÍTICA

Como dito antes o PCB atuava e construía suas redes na cidade, mas não era o único ator político que interagia com o universo fabril e a condição de insegurança estrutural da classe trabalhadora determinava em muito suas estratégias de ação e com quem ela interagia.

Mike Savage escreve que a insegurança estrutural:

“Não implica união do operariado, em detrimento de suas rivalidades internas. Mas reforça a necessidade de olhar para os fatores contextuais que explicam como a própria carência geral dos trabalhadores em lidar com tal insegurança conduz a diferentes tipos de resultados culturais e políticos” (SAVAGE, 2004, 33).

Diante disso, acreditamos que o pleito de 1947 para a vereança de Barra Mansa seja revelador das concepções e estratégias que a classe trabalhadora validaria em seus fluxos e refluxos de formação e atuação.

O PCB não perde totalmente sua força eleitoral quando de sua ilegalidade e sua rede é acionada para a eleição de Henrique Manoel Teixeira, comunista eleito pelo Partido Social Democrático (PSD), porém, outros nomes de eleitos por Volta Redonda surgem por outras legendas e estratégias. Estes, em nossa concepção, demonstram como que o ambiente fabril e os costumes instituídos na fábrica, além da carência material da classe trabalhadora, surtiram efeito sobre a nova configuração política diante da concorrência eleitoral.

Moradia era um dos principais problemas enfrentados pela classe trabalhadora de Volta Redonda e para os funcionários da CSN, tanto o déficit de moradias para os empregados da usina quanto a existência de uma população muito maior que se fixava no oitavo distrito explicam o surgimento de construções precarizadas. Outro ponto de tensão era a questão da saúde, do atendimento hospitalar, pois somente os funcionários da CSN poderiam ser atendidos pelo hospital da mesma, ficando um enorme número de pessoas sem atendimento. Condicionamos a análise a estes dois temas pela necessidade de vinculação aos personagens que apresentaremos abaixo, contudo outras demandas eram sempre lembradas (transporte, urbanização, educação, etc) e outras formas de atendimento de demandas eram implantadas.

A CSN, ratificando seu caráter paternalista dentro da visão de uma “família siderúrgica” e diante da carência de moradias que ela nunca conseguiu suprir, doava materiais, com relativa facilidade, para seus funcionários, o que provavelmente passava pelas mãos do Sr. Edgard Magalhães ou Capitão Magalhães, homem temido como implacável e violento, “tido como o ‘Prefeito de Fato’ de Volta Redonda” (LOPES, 2004, 90). Assim, o que para a CSN decorria de uma postura paternalista, para o Sr. Edgard e outros na mesma posição de atendimento de demandas dos trabalhadores, passava por uma questão que englobava o atendimento de clientela.

O Capitão era também o que controlava a lista de casas da Usina a serem ocupadas (RAMOS, 1999, 13). Então, seguindo o raciocínio de Bahia (2003), havia relações de trocas assimétricas. Não é uma questão surpreendente ver que o senhor Edgard Magalhães da Silva foi eleito, pela União Democrática Nacional, para a legislatura de 1947 à 1950, na Câmara Municipal de Barra Mansa.

Omar Goulart Villela e Paulo Monteiro Mendes são outros nomes que entram na mesma condição. Ambos estavam presentes e a atuar na fundação do SMVR, em 1945, com “um grupo de homens ligados ao getulismo”⁹, o que pode ratificar a criação de uma rede densa, de identidade para estes sujeitos. Villela, como assessor jurídico da primeira chapa eleita, o segundo, como assessor de Edmundo Macedo Soares, ex-diretor técnico¹⁰ da CSN. Paulo Mendes, então médico do hospital da empresa, veio a intervir favoravelmente na legalização do sindicato e os dois estiveram dentre os fundadores do PTB em Volta Redonda. Tanto Villela quanto Mendes foram eleitos vereadores para a legislatura de 1947 a 1950 pelo PTB.

A questão que fica a ser analisada, ainda que não a tenhamos rastreado metodicamente, é o quanto do Paulo Monteiro Mendes médico, atendedor de demandas imediatas da classe trabalhadora da região (funcionários da CSN ou não), teve peso para sua eleição.

Os casos aqui relatados nos levam a refletir sobre o quanto que costumes e hábitos paternalistas, de origem fabril, foram ressignificados no âmbito político. “(...) A multidão tirava sua noção de legitimação do modelo paternalista”, acreditamos que esta assertiva thompsoniana (THOMPSON, 1998, 165) sobre economia moral, pode ser aplicada nos casos expostos acima, principalmente em relação aos candidatos eleitos quando estes aparentemente reverteram a lógica do raciocínio e, através de um uso seletivo do paternalismo, implantaram práticas clientelísticas de fazer política. Como ainda estamos pesquisando ficamos muito tentados a usar

⁹ Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ). Coleção CSN (Regina Morel): Silvestre relata criação do Sindicato em Volta Redonda. *Gazeta do Aço*, 12 a 18 de junho de 1981, p1.

¹⁰ Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro. Coleção CSN (Regina Morel). Companhia Siderúrgica Nacional. *Diretores da CSN entre 1941 e 1987*.

paternalismo e clientelismo como parte de uma cultura política, pois a detecção de certos comportamentos de viés sistêmico pôde ser detectada, contudo, analisando a multiplicidade de fatores e atores que contemplavam o período, fechar consenso em termos como cultura ou sistema “pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e exposições existentes dentro do conjunto” (THOMPSON, 1998, 13) e é justamente essas fraturas e mudanças que limitam nossa análise e nos deixam com a hipótese de que parte da ação dos trabalhadores, mesmo que dentro de operações paternalistas e de clientela, foram executadas diante de um senso pragmático de classe e de uma ação interclassista objetivando resultados práticos.

CONCLUSÃO

Assumimos aqui as limitações e possíveis caminhos errôneos traçados a partir de análises ainda parciais das fontes e por isso consideramos nosso estudo de caráter exploratório sobre a ação política das classes sociais, visualizamos como muito tentador um olhar comparativo de análise, podendo tender a uma tipologia das emancipações de cidades com forte industrialização e numerosa classe operária, tanto para o Brasil como para a América Latina.

Ao tentarmos analisar como a construção da CSN e o grande número de migrantes que afluíram para Volta Redonda se articularam com a formação identitária dos trabalhadores e destes com a formação política do local, suas redes de longo alcance e de diferentes densidades, julgamos que as estruturas política, social e econômica do pós-1945 foram determinantes para a construção de um sistema de relações, no qual mobilização e clientelismo teriam espaço simultaneamente na mesma realidade social, o que concebemos ao analisarmos o período dentro de um sistema político populista (FRENCH, 1995), de ações interclassistas.

Acreditamos que os costumes fabris permearam o ambiente de concorrência política do período e condicionaram a atuação de muitos dos atores, porém, reforçamos que não colocamos o clientelismo como libertário, como um instrumento sequestrado e usado pelos trabalhadores, nem que o populismo foi período de ação única da classe trabalhadora a ditar as regras do sistema político; mas que ambos se apresentavam na realidade objetiva e que muitas vezes, diante das demandas e da mobilização dos trabalhadores, se colocavam como possibilidades no horizonte de ação, não só para os trabalhadores.

Assumimos também os possíveis erros devido ao caráter experimental deste artigo, pois corremos o risco de termos empoderado grupos político-partidários em detrimento da ação dos trabalhadores mas, como dito outras vezes, acreditamos que o que ocorreu no cenário urbano e

político foi mediado pela classe trabalhadora mesmo que nem sempre de forma organizada, diretiva e coletiva.

Por fim, consideramos que uma perspectiva mais continental e ou global, com uma análise que busque o lugar e organização da classe média nesses processos (de formação de classe e emancipação de municípios) possa jogar luz às questões da urbanidade e de seu cruzamento com o universo da política institucional, mobilização popular e pragmatismo político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAHIA, Luiz Henrique Nunes. *O poder do clientelismo: raízes e fundamentos da troca política*. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.
- Letícia Bicalho Canêdo (Org). *O sufrágio universal e a invenção democrática*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- CARDIANO, Fernando Pinto. *Eleições no Estado do Rio de Janeiro*. Niterói: Imprensa Oficial, 1990.
- CHRYSOSTONOS, Maria Isabel de Jesus. Um projeto de cidade-indústria no Brasil Moderno: o caso de Ipatinga (1950-1964). In: *Cronos*, Natal-RN, v. 9, n. 1, p. 109-134, jan./jun. 2008, pp. 109-134.
- COSTA, Hélio e SILVA, Fernando T.. Trabalhadores urbanos e populismo: Um balanço dos estudos recentes. In: FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- ELEY, Geoff e NIELD, Keith “Adeus à classe trabalhadora?” *Revista Brasileira de História*, Dez 2013, vol.33, no.66, p.135-179. ISSN 0102-0188.
- FERREIRA, Jorge. *O populismo e sua história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- FORTES, Alexandre. *Nós do quarto distrito: A classe trabalhadora porto alegre e a Era Vargas*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FRENCH, John D.. *Afogados em leis: a CLT e a cultura política dos trabalhadores brasileiros*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- FRENCH, John D.. *O ABC dos operários. Conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900 - 1950*. São Paulo-São Caetano do Sul: HUCITEC/Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice, 1988.
- HOBBSBAWM, Eric J. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- IBGE. *Censo Demográfico 1950*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.
- LASK, Cristiane Tomke. *Ordem e Progresso: A estrutura de poder na “cidade operária” da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda (1941-1964)*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1991.
- LOPES, Alberto. *A aventura da forma: Urbanismo e Utopia em Volta Redonda*. Rio de Janeiro. E-Papers Serviços Editoriais: 2004.

- MOREL, Regina Lúcia de Moraes. *A Ferro e Fogo – Construção e Crise da “Família Siderúrgica”*: O caso de Volta Redonda (1941 –1988). Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- NEGRO, Antonio Luigi. Paternalismo, Populismo e História Social. In: *CADERNOS AEL – Populismo e trabalhismo*. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, 2004.
- PEREIRA, Sérgio. *Sindicalismo e Privatização: O caso da Companhia Siderúrgica Nacional*. Tese (Doutorado em Ciências-Sociologia). PPGSA/IFCS/UFRJ, 2007.
- RAMOS, Célio. Célio Ramos (depoimento, 1989). Rio de Janeiro, CPDOC/FUNDAÇÃO CSN, 1999. 49 p. dat..
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *O ex-leviatã brasileiro: do voto disperso ao clientelismo concentrado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- SAVAGE, Mike. Classe e história do trabalho. In: Cláudio M. Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Alexandre Fortes (orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- SAVAGE, Mike. “Espaço, redes e formação de classe”. *Mundos do Trabalho*, v. 3, n. 5. 2011, pp. 06-33.
- SILVA, Leonardo Ângelo da. *Industrialização, relações de classe e participação política: da criação da CSN à emancipação de Volta Redonda (1941-1954)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – PPGH-UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.
- SOUZA, Jessie Jane Vieira de. Arigó: o pássaro que veio de longe. *Volta Redonda*, 1, 1, 10-15, 1989.
- THOMPSON, Edward P. *A formação da Classe Operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a. Vol. I.
- THOMPSON, Edward P. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b. Cap. 10 “Conseqüências e conclusões”. pp. 297-361.
- THOMPSON, Edward P. “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII” In *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 2002. Pp. 150-202.
- THOMPSON, Edward P. “Patrícios e plebeus” In *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 2002b. Pp. 25-85.
- WEFFORT, Francisco Correia. *Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco, 1968*. São Paulo: CEBRAP, 1972.